

**Apontamentos da Apresentação da Escola de Comunidade
com Davide Prospero e S.E. monsenhor Filippo Santoro
por vídeoconferência, 23 de março de 2022**

Texto de referência: L. Giussani, Dar a vida pela obra de Outro, Paulus, Lisboa 2022 (no prelo); o pdf com o texto da primeira parte está disponível em:

<https://portugues.clonline.org/cm-files/2022/02/11/lg-dare-la-vita-1997-portugal.pdf>

Davide Prospero

Boa noite! Antes de apresentar a parte do texto de Escola de Comunidade que iremos trabalhar nas próximas semanas, queremos retomar, de forma sintética, o resultado do percurso feito até aqui e as questões que levantaram. Chegaram-nos muitas provas do trabalho realizado, pessoalmente ou em grupo: algumas sob a forma de testemunhos, outras de comentários, outras ainda – a maioria – de perguntas pontuais, sinal da seriedade do confronto feito e da riqueza da reflexão desenvolvida. A proposta que nos foi feita não nos deixou indiferentes. Com efeito, além dos conteúdos específicos, surge claramente dos mails outro fator: aqueles que os escreveram deixaram-se pessoalmente tocar e mover por este texto de Giussani, deste início da Escola de Comunidade. As numerosas perguntas comprovam um desejo de identificação com a experiência de *don* Giussani, um desejo de não “deixar andar” quando não se percebe alguma coisa, de confrontar a proposta conosco próprios, em suma, de não perder tempo, de caminhar.

Sintetizo as questões mais recorrentes, nas formulações mais simples:

1. «Deus é tudo em tudo»

Como é que descubro, onde é que vejo, que caminho é necessário fazer para me tornar consciente de que «Deus é tudo em tudo»?

Em segundo lugar, como é que a consciência de que «Deus é tudo em tudo» incide na vida? Por exemplo, uma pessoa escreveu: «Diante da imensidão do mal da guerra que vemos e que pesa sobre nós, como é que incide o reconhecimento, o determo-nos para descobrir nas vicissitudes do nosso dia que Deus é tudo em tudo?».

Igualmente: «Que impacto tem sobre a existência partirmos da ontologia, como nos foi sugerido? De que serve partir da ontologia para viver?».

2. Panteísmo

Enquanto parece haver maior clareza sobre o niilismo, o tema de panteísmo levantou várias questões, sobre vários aspetos.

Diz-se no texto: «Niilismo e panteísmo destroem este “eu” que define a dignidade do homem, degradam-no ao aspeto da animalidade» (p. 7). Como identificar as marcas no nosso caminho de cedência à posição apontada como «panteísmo»? Como se manifesta? No fundo, não pareceria assim tão negativo pensar que somos parte indistinta de Deus.

Ou: quando se diz que «Deus é tudo», isso percebe-se. Mas quando se diz que, do ponto de vista passivo, «tudo é Deus», não corremos o risco de que haja uma confusão com o panteísmo? O que quer dizer «tudo é Deus»?

3. Pedir para ser e estranheza

O que significa «pedir para ser»? «Normalmente – escreve uma pessoa –, a oração para mim é um pedido de ajuda e não um pedido para ser. O que é que me está a escapar?».

Escreve Giussani: «Em vez da familiaridade de Deus, que passeia com Adão e Eva na brisa da tarde, temos a *escolha da estranheza*. Em vez de caminhar com Ele, Adão e Eva seguiram um estranho, algo de estranho à sua própria experiência» (p. 10). A pergunta é: «Mas porque é que o homem cede à escolha da estranheza?». E ainda: «Como combater esta coisa estranha à nossa própria experiência?».

Agradeço a monsenhor Filippo Santoro, que mais uma vez esta noite nos ajudará no trabalho, em primeiro lugar respondendo a estas perguntas, e depois introduzindo-nos à parte seguinte do texto

Dar a vida pela obra de Outro, que será o ponto de trabalho das próximas semanas, até aos Exercícios da Fraternidade.

Filippo Santoro

Obrigado, Davide. Vou começar com um *Gloria* ao Espírito Santo, à Santíssima Trindade, para que nos ilumine neste caminho de Escola de Comunidade. Rezamos juntos.

Gloria
Vinde Espírito Santo

Introdução (retoma da primeira lição)

Uma cordial saudação a todos.

Como disse o Davide, o encontro desta noite terá dois momentos: no primeiro irei responder às perguntas que foram feitas, no segundo introduzirei o novo texto da Escola de Comunidade sobre «Cristo tudo em todos».

Em primeiro lugar, os meus parabéns pelas duas canções iniciais e em particular por aquele fado tão bem cantado de Amália Rodrigues, *Foi Deus*, porque este *fado* exprime muito bem como «Deus é tudo em tudo».

Antes de responder às perguntas, quero evidenciar a atitude que devemos assumir para nos introduzir à compreensão do texto *don* Giussani. Esta atitude foi-me sugerida por uma discussão preparatória que fizemos, durante a qual eu sublinhei a exigência de perceber o que movia Giussani quando fez aquela intervenção em 1997. Para clarificar esta atitude de fundo, parto duma documentação que me foi fornecida pelo Alberto Savorana, que se encontra em *Luigi Giussani: A sua vida*, no capítulo 32, com o título «A velhice explodiu em mim» (pp. 1001-1003 e p. 1014).

Escreve o Alberto:

«Junho de 1996 seria recordado por Giussani como um mês fundamental para a sua vida. Um ano depois desenvolve o assunto em várias ocasiões; quando se encontra com os monges beneditinos da Cascinazza, conta-lhes que fez uma descoberta: “A velhice explodiu em mim”. [...] Continua: “De repente o Senhor fez com que eu percebesse, e que por isso explodisse, a consciência da idade que passava [...] aos setenta e quatro anos exactos”. [...] a uma certa altura, teve de se render à evidência. Para Giussani este render-se à evidência tem data precisa: “Um certo dia de junho do ano passado (1996; *N.d.A.*) despertou em mim esta consciência”. Naquele período, Giussani tem de se sujeitar a uma ajuda nas necessidades quotidianas, e pensa: “[...] mas olha [...] que fim! O homem acaba em nada!”; admite que esta consideração está ligada ao facto de “o niilismo ser a tentação que mais brutalmente subtende toda a mentalidade de hoje”. Poucos minutos antes, Giussani tinha ouvido Beethoven e consequentemente acontece-lhe pensar que também o “Beethoven que escreve a *Nona* vai acabar assim, acaba assim! *A Divina Comédia* de Dante... Acabam assim”. Mas ao mesmo tempo tem um movimento de revolta dentro de si: “É impossível” pensa ele, e imediatamente se pergunta se haverá alguma coisa que liberte deste nada: “E veio-me ao de cima, com uma clareza que é como tocar na cara da minha mãe: o eu, o eu! Quando digo eu, não sou assim”, ou seja, um nada. Noutra sítio, Giussani conta a mesma experiência por outras palavras: “*Corpus quod corrumpitur aggravat animam*, diz a Bíblia: o corpo que se corrompe sobrecarrega, pesa na alma. Mas dizia sobretudo para mim mesmo: ‘Não é possível que eu acabe assim! O que há, para além desta fisicidade corruptível? No fundo, o que é esta minha – minha! – realidade? [...]’. O *eu*”. É naquela semana de julho, passada a fazer exames médicos, que Giussani faz uma série de descobertas, como lhe acontece há uns tempos; efectivamente, “Deus, nestes últimos três ou quatro anos, fez-me transbordar de pensamentos, intuições, mais do que em toda a minha história, a história que tive”. Sobretudo porque aquela circunstância lhe abriu caminho para a solução do problema: “No dia seguinte, depois de uma noite a pensar nestas coisas, de repente percebi a razão por que São Paulo diz que ‘Deus é

tudo em tudo’. Se Beethoven, Dante e eu, todos acabamos em pó” e se, por outro lado, Deus é tudo em tudo “de uma forma tão integral, quem sou eu e quem é a minha mãe?”. Giussani pensa: “Ou aparência, e por isso nada, como Anquise [uma sombra; *N.d.A.*] entre os braços de Eneias, ou então parte do todo. Niilismo e panteísmo são os dois extremos do pensamento humano. Ou parte do todo ou nada”. Giussani revela aos monges: “Nunca tinha chegado antes, conscientemente, a este raciocínio. Só lá cheguei em junho do ano passado” [...] Tudo parece desenrolar-se como se, através dos limites impostos à idade, o Senhor pusesse Giussani a fazer a experiência de uma virtude que na realidade nunca se cansou de praticar: a obediência, à maneira de Jesus; *Christus, factus oboediens usque ad mortem*, isto é, Cristo tornado obediente até à morte, aceitando a cruz, “demonstrou a sua verdade. ‘Deus é tudo em tudo’, mas ‘Cristo é tudo em todos’. Que quer isto dizer? Que Cristo é o homem a partir do qual se percebe quem é o homem e quem é Deus”».

O texto continua:

«Estes Exercícios Espirituais [de 1997] constituem um dos maiores vértices da reflexão de Giussani, um corpo a corpo radical com as perguntas que sempre atravessaram e atravessam o pensamento humano, filosófico ou não. Como se viu, Giussani não tem medo de pensar, não recua perante as perguntas que vêm da experiência humana, sua e dos outros, e nestas lições demonstra uma audácia exemplar. Não é por acaso que ele os menciona como dos Exercícios “que mais lhe deram que pensar” (como se lhes refere, a 15 de novembro de 1998, ao falar a um grupo de noviços dos *Memores Domini*: “Releiam os Exercícios da Fraternidade do ano passado, porque eu acho que é a expressão mais avançada da nossa maneira de conceber a vida, da nossa maneira de sentir”). Niilismo e panteísmo representam duas tentações permanentes do pensamento humano face à questão da origem e da consistência das coisas, mas sobretudo da realidade do eu: eles constituem as versões opostas de uma mesma cedência da razão, que, não conseguindo enfrentar o problema que o estar aqui, o existir põe, ou nega ou dissolve o que se trataria de explicar. Para os milhares de participantes nos Exercícios é um testemunho excepcional vê-lo a enfrentar, com esta inaudita, vertiginosa profundidade, as perguntas que a sua situação lhe torna urgentes, e que qualquer homem não pode deixar de considerar decisivas, frente às quais a razão é tentada a reduzir, a fechar» (A. Savorana, *Luigi Giussani: A sua vida*, Tenacitas, Coimbra 2017).

Portanto, mais do que a compreensão analítica de passagens soltas, o ponto é o impacto com um acontecimento, com a posição em que *don* Giussani se colocou diante destes problemas. Esta atitude forte de *don* Giussani perante a vida, com as duas grandes tentações – niilismo e panteísmo –, tornou-se mais clara para mim depois, graças a uma mensagem que recebi de uma amiga espanhola, em que me escreve: «Este é o método de Giussani. Naquele momento, marcado pela velhice, pelo peso da doença, pelos limites físicos que o punham diariamente diante do pensamento das coisas que passam, desaparecem, acabam, o que é que este homem faz? Começa a lamentar-se? A maldizer Deus? Resigna-se? Não. Em vez de se retirar, resignar-se ou sofrer as circunstâncias, ele reage com um movimento de reação, superando as aparências e empenhando-se a si e à sua inteligência na busca da verdade, já conhecida mas ainda a redescobrir na sua profundidade interior. As duas lições daquele ano de 1997 comprovam a autoconsciência de um homem diante da grande Presença. Ele estava destruído, tinha medo que as suas dificuldades, também de dicção, tornassem problemática a compreensão do seu discurso. Então o que é que faz? Decide gravar as lições e prepará-las com mais cuidado, porque tinha o grande desejo de continuar a percorrer apaixonadamente um caminho com o seus amigos – Giussani já nos amava a todos –, mesmo “a quem conheço mal ou não conheço de todo, mas de quem me sinto profundamente próximo”. Enquanto aprofunda aquele tema, *don* Giussani tem presente cada um de nós, quer arrancar-nos da tentação do niilismo e do panteísmo, da dissolução do eu (em última instância, no seu próprio interesse). Quais eram as suas preocupações? Não eram: “Quando é que vou morrer, e se deixar de conseguir andar, e se deixar de conseguir falar”. As suas preocupações era duas: o que é Deus para o homem e como é que fazemos para O conhecer?»

Ainda que a sua condição física fosse dolorosa e terrível, a sua paixão pelo facto cristão fazia-o superar-se por nós. Se tudo desaparece, que sentido tem a vida? O sentido é claro, o sentido é que há Alguém que nos convidou e nos criou: “Queres existir?”. E depois disse: “Ajudas-me?”, como *don Giussani* te disse a ti, padre Filippo: “Irias de bom grado para o Brasil?”. E tu já contaste o impacto que teve sobre ti ver aqueles 52 jovens que entregavam toda a sua vida a Cristo».

Esta certeza deve ser sempre cultivada, e nós fazemo-lo através da Escola de Comunidade.

Por isso, há uma coisa a ter em atenção para aprender os conteúdos da Escola de Comunidade: insisto, mais do que apreender analiticamente todas as passagens, trata-se de nos darmos conta do impacto do ser. Que é feito do ser que sou eu? É reduzido a nada? Dissolve-se no tudo (o que é uma outra forma confusa para acabar no nada), onde eu deixo de existir?

Passamos agora a responder às questões mais recorrentes assinaladas pelo Davide.

1. «Deus é tudo em tudo»

Como é que nos tornamos conscientes de que Deus é tudo em tudo? Já o dissemos muitas vezes: isso surge na experiência. Não nos fizemos e não nos fazemos nós, as coisas mais bonitas da vida, os encontros decisivos são-nos dados como dom. Não podemos acrescentar um só dia à nossa existência, a pessoa que amamos pode ser-nos tirada dum momento para o outro. Em suma, a cada dia, com modalidades e intensidades diferentes, a experiência diz-nos que a vida é dom de Outro, a realidade é dom de Outro. Experimentamos isso seja quando o Mistério vem ao nosso encontro abertamente como bem, seja quando parece esconder o seu rosto, como quando perdemos pessoas queridas por causa do Covid. Mas onde estariam os nosso entes queridos, se ao início não existisse Aquele que os criou e os fez para sempre? Fê-los para sempre! Por isso é a experiência – mesmo a dramática e dolorosa – que nos revela a origem boa da nossa vida, a consistência do nosso ser.

Na tragédia da guerra perante a qual nos encontramos nestes dias, emergem com uma clareza violenta duas coisas que dissemos na lição.

- Em primeiro lugar, o mistério da liberdade do homem, que pode recusar o «Deus tudo em tudo»; o pecado é a negação do Deus tudo em tudo, é como alguém que se substitui a Deus, é o mistério da liberdade do homem que pode recusar Deus tudo em tudo.

- Em segundo lugar, o mistério do facto de que Deus o permita, permita este mal, porque não se substitui à liberdade do homem. Aqui vamos ao encontro das palavras de Bento XVI na *Deus Caritas Est*, no nº 38: «Muitas vezes não nos é concedido saber o motivo pelo qual Deus retém o seu braço, em vez de intervir [porque não intervém nesta louca situação da Ucrânia?]. Aliás, Ele não nos impede sequer de gritar, como Jesus na cruz: “Meu Deus, Meu Deus, porque Me abandonaste?” (Mt 27,46). Num diálogo orante, havemos de lançar-Lhe no rosto esta pergunta: “Até quando esperarás, Senhor, Tu que és santo e verdadeiro?” (Ap 6,10). Santo Agostinho dá a este nosso sofrimento a resposta da fé: [...] – Se O compreendesses, não seria Deus – [mas é a tua medida]. O nosso protesto não quer desafiar a Deus, nem insinuar n’Ele a presença de erro, fraqueza ou indiferença [...]. Os cristãos [...] continuam a crer, não obstante todas as incompreensões e confusões do mundo circunstante, na “bondade de Deus” e no “seu amor pelos homens” (Tt 3,4)», que se manifesta, que entrou na nossa história e se tornou próximo de cada um de nós. Mas estão a ver quantas coisas contraditórias? O desastre da guerra e o acolhimento que a Europa está a dar aos refugiados, o acolhimento que alguns de nós estão a dar à nossa amiga que veio de autocarro da Ucrânia com os seus filhos depois de 50 horas de viagem. Há um coração que bate, um coração que pulsa!

Partir deste juízo, por um lado, não nega o abismo do mistério em que estamos mergulhados; por outro, faz-nos experimentar que dentro deste abismo nasce uma humildade, uma força de aceitação, uma força de juízo sobre as coisas, um ímpeto de caridade e de acolhimento.

Encontramos aqui, então, a resposta à pergunta sobre o impacto que tem sobre a existência o facto de partirmos da ontologia. O de nos impelir a pedir para ser. É a pergunta com que participaremos no grande gesto da Consagração ao Coração Imaculado de Maria da Rússia e da Ucrânia, a 25 de março,

com o Papa Francisco, um gesto que coloca na origem do nosso juízo um momento de pedido e de oração pela paz.

É o facto de partirmos da ontologia que nos leva a acolher os ucranianos (como tantas famílias nossas estão a fazer; também aqui, em Tarento, eu acolhi no centro noturno da diocese dez senhoras com os seus filhos; e depois há tantos outros que abriram o coração), a acolher os filhos, o marido, a mulher, o vizinho ou o colega que nos pede perdão. Mas quem nos tornará capazes disto senão o Espírito, e como poderá ajudar-nos se estivermos alienados em nós mesmos pois «tudo conspira para nos calar» e os nossos dias são arrastados por aquilo que acontece e, em última instância, pelo poder? Nós somos levados a não prestar atenção à ontologia, à constituição do nosso ser; estamos distraídos, distraídos! Por isso, partir da ontologia remete-nos para a posição certa.

De manhã repartimos com a oração do *Angelus*: façam memória de que o Verbo se fez carne, ou seja, que a ontologia entra na história, na nossa vida; fixem por um instante a atenção sobre o Tu diante do qual se encontram, do Tu que vem ao nosso encontro com a luz. Este instante, depois, «trabalha a terra do dia» – segundo uma graça misteriosa – e pode tornar mais fácil o perdão, o recomeçar, até a coragem de uma resposta diferente, ou de um silêncio. Recomeçamos com a ontologia desde a manhã, colocando-nos diante do Tu.

2. Panteísmo

O tema do panteísmo levantou muitas questões. Devemos sempre pensar que cada erro é uma verdade enlouquecida. O panteísmo não é estranho ao reconhecimento de que «Deus é tudo em tudo», mas esquece-se duma coisa: que Deus é o criador e que nós somos criaturas. O panteísmo é, antes de mais, um erro ontológico: nós não somos um pedaço de Deus, nós somos criaturas de Deus: somos nada diante de Deus, no entanto somos livres diante de Deus. Nós somos criaturas Suas.

De um erro ontológico decorre um erro ético, prático: negligenciar que a criatura responde ao seu Criador. Ou seja, tem uma responsabilidade para com Deus, para com cada um de nós, para com a natureza.

A renúncia a esta responsabilidade, a doença de “querer desaparecer no todo” (panteísmo) tem dificuldade em enraizar-se no movimento, porque está longe do nosso temperamento. Mas tem conquistado muita gente no Ocidente – pensemos na facilidade com que é pedida a eutanásia: a vida é dura, feia, o nada é desejável, afogar-se no nada torna-se desejável. Receio que também nós comecemos a sentir os seus sintomas. Estou a pensar no medo de viver e de sair de casa que atingiu tantos dos nossos jovens depois da pandemia. É um medo que domina nas nossas comunidades, mas também nas nossas paróquias. O medo de viver que, tantas vezes, nós também sentimos.

«Tudo é Deus». Lemo-lo nas Laudes de segunda-feira: «É n’Ele que vivemos, nos movemos e existimos». Cada coisa, pelo facto de existir, tem em comum com Deus a existência, participa na existência de Deus, participa do Ser.

Recordar que estamos n’Ele, na Sua presença, não implica a insignificância do eu, mas a grandeza de tudo, dá peso a cada palavra, como disse Jesus. A distinção entre mim e Ele não confunde a minha humanidade com a Sua, mas assinala a possibilidade de um diálogo da minha liberdade com a Sua, de uma relação – como se dirá mais à frente – de uma amizade.

Só assim se encontra a coragem para sustentar a esperança dos homens, porque participamos do ser de Deus sem confusão.

3. Pedir para ser e estranheza

Quando pedimos que uma coisa corra de determinada maneira, que um tratamento tenha efeito, que a pessoa amada nos diga que sim, quando pedimos para passar num exame, tudo isto é pedido de ser, de sermos mais: pedido de realização, de felicidade.

E quando uma mãe pede ao filho para comer fruta porque lhe faz bem, qual é o seu bem? Que se torne grande, seja amado, realizado, feliz; e por último? Uma mãe, diante das possibilidades tristes que o filho terá de atravessar, sabe que aquilo que lhe irá garantir a possibilidade de letícia é o encontro

com Cristo. Não sei quantas vezes a razão do pedido para comer fruta é assim tão profunda, mas julgo que, estatisticamente, o seja muito mais do que a própria mãe pode pensar.

Não vamos contrapor o bem pequeno com o bem grande; ajudemo-nos a recordar – porque pode ser esquecido – como o bem pequeno prossegue para o bem grande. Se é voluntariamente negado, é porque queremos possuir o outro de forma egoísta, porque se intorduz na relação algo de estranho. A estranheza depende da presença de algo de diferente em relação à história em que o Mistério se manifestou, que quer contaminar a consciência e até anular os factos em que o Senhor se manifestou e se manifesta. A estranheza instiga-nos a viver como se nenhum encontro e nenhum facto de salvação tivesse acontecido na nossa vida. É a suprema mentira.

Por que é que lhe cedemos? Dito simplesmente: porque existe uma desordem original que se alia com a cultura do nosso tempo. É o mistério do pecado original: o nome que podemos dar à rebelião contra o «Deus tudo em tudo». Começa-se com reticências em relação à presença do Senhor (metendo-o de parte na nossa vida) e ao Seu plano de salvação; e depois, se não se reage, resvalamos para a negação do encontro. Também nós podemos resvalar para a negação do encontro. É a tentação de subsistir a presença do Mistério por alguma coisa que somos nós a controlar e dominar (pelo poder, dizia-se). Como também aconteceu a Jesus no deserto, mas ele venceu reafirmando a presença do Pai. A Quaresma é precisamente o tempo em que nos convertemos ao Senhor e com Ele vencemos.

Como combater esta estranheza? Através da familiaridade com o Senhor encontrado na nossa história. Quando eu estava no Brasil, o padre Massimo Cenci e o padre Giuliano Frigeni contaram-me sobre uma vez em que o padre Massimo tinha tido o primeiro encontro com os índios: todos se tinham reunido e todos estavam atentos, pareciam atentíssimos, então ele regressou triunfante à casa da Pime e disse: «Grande sucesso! Vieram de todos os rios e estiveram atentíssimos!». O velho padre disse-lhe: «Pergunta-lhes o que é que eles perceberam», então o padre Massimo reuniu mais uma vez todos e fez-lhes a pergunta: «O que é que perceberam daquilo que eu disse?»; alguém respondeu: «*O senhor é que sabe*», sinal de que não tinha percebido nada! Então o padre Massimo entrou em crise e disse: «Não serve de nada aquilo que eu fiz, vou voltar para Itália». O padre Giuliano não lhe fez nenhum discurso, disse-lhe só: «*Don Giussani...*» e dá-lhe o nome de todos os amigos, como memória daquilo que o Senhor fez na nossa história. Então o padre Massimo muda de rumo e recomeça, com um método diferente, a relação com as pessoas: mais do que fazer um grande *show*, cultiva a relação com as pessoas. Dali nasceram vocações, nasceu o movimento, imaginem, em Manaus! A estranheza vence-se, em primeiro lugar, aprofundando a familiaridade com o Senhor que se manifesta na história. Esta familiaridade depois torna-se oração, pedido para ser: «Vem, Senhor Jesus, nesta circunstância», sendo ajudados também por sinais objetivos, como os sacramentos, a Escola de Comunidade – com os preciosos dez minutos – e como a familiaridade entre nós, a comunhão entre nós, a nossa companhia vocacional, onde encontramos em primeiro lugar o conforto da proximidade, a clareza de juízo, a penetração no mistério das coisas, a atração da verdade. Será que pensaríamos nas coisas de que estamos a falar e que estamos a aprofundar se não fosse a nossa companhia? Na nossa comunhão encontramos acolhimento, consolo, perdão, até aquela grande e definitiva palavra que é a palavra «misericórdia».

Vamos então à segunda parte deste serão, com a introdução ao novo texto da Escola de Comunidade.

«CRISTO TUDO EM TODOS»

Depois de ter colocado, na primeira lição, a grande questão: «O que é Deus para o homem?», a segunda lição aborda a outra pergunta fundamental: se Deus é tudo em tudo, nós «como podemos conhecê-lo assim?» (p. 4).

A resposta é-nos dada por outro versículo de São Paulo, retirado da Epístola aos Colossenses: «Cristo é tudo em todos» (*Col 3,11*).

Em primeiro lugar (estamos na p. 11) o texto propõe-nos uma citação de São Máximo, o Confessor. Vamos relê-la com atenção, palavra a palavra, até porque Giussani nos diz que é «a síntese das raízes de tudo aquilo que pensamos e sentimos na nossa convicção de fé».

Aqui está então a citação: «Cristo é [...] tudo em todos, Ele que tudo encerra em si, segundo a potência única, infinita e sapientíssima da sua bondade – como um centro em que convergem [todas] as linhas [...] – a fim de que as criaturas do Deus único não permaneçam estranhas e inimigas umas das outras, mas tenham um lugar comum no qual manifestar a sua amizade e a sua paz» (p. 11). Releiam-nos com calma, com atenção. Os dez minutos vão-se só a meditar nesta belíssima frase de São Máximo, o Confessor!

Pensem em como estas palavras, nestes dias mais do que nunca, dão voz ao grito do nosso coração: «Senhor, Tu que és tudo em todos, vem! Vem nesta circunstância da guerra! Tu que tudo reúnes em ti, vem! Faz com que as criaturas do Deus único não permaneçam estranhas e inimigas, faz com que os povos em guerra não permaneçam inimigos, que nenhum dos refugiados seja um estranho para nós! Dá-nos um lugar e faz-nos construtores de lugares onde a amizade e a paz encontrem morada, amizade e paz».

1. Natureza e destino do homem

Mas vejamos agora como é que *don* Giussani prossegue na sua explicação de «Cristo tudo em todos». Também nesta lição, ele antepõe o valor ontológico ao ético.

- «Deus é tudo em tudo» é a natureza das coisas, o ser das coisas, que se manifestará plenamente no último dia, na meta final: o Paraíso. «Deus tudo em tudo» é o momento final, mas já presente na realidade desde a origem.

- Assim, «Cristo tudo em todos», no seu valor ontológico, exprime o nexo entre a pessoa de Cristo e a natureza e o destino de cada homem. Há um nexo entre a pessoa de Jesus e cada pessoa que nasce e que vem a este mundo. Pensem: Ele é o nexo com cada pessoa que nasce neste mundo! Há um nexo entre Cristo e todos – todos! – aqueles que nascem! É este o sentido do último discurso que Jesus dirige ao Pai no Cenáculo, antes da Sua morte: «Deste-me poder sobre toda a humanidade, a fim de que eu dê a vida eterna a todos os que me entregaste» (cf. *Jo* 17,2). É uma vida que passa em nós através do Senhor, Cristo, o Ser, a ontologia que veio à nossa história.

No seu valor ontológico, «Cristo tudo em todos» torna-se decisivo para a autoconsciência do homem (e, portanto, para a sua moral). «Tudo em todos» indica que Cristo é a fonte original, o exemplo último e adequado graças ao qual o homem pode conceber e viver a sua relação com tudo. «Cristo tudo em todos» indica-nos como viver a relação com todas as pessoas e com toda a realidade. Está aqui o valor moral da relação com o Criador, o homem (a criatura por excelência), a sociedade e a história.

2. Imitar Cristo

A esta altura, *don* Giussani introduz-nos à compreensão de que, na sua essência, a moral é a imitação de Cristo.

Se para o homem a relação com Deus é a relação com Jesus, então a moral, para o próprio homem, é a imitação do comportamento de Cristo: Ele é o Mestre a descobrir, e ouvir, a seguir. Como fizeram os primeiros dois: «Mestre, onde moras?» «Vinde e vede». Também nós fomos ao encontro d'Ele, abrimos os olhos e vimos.

Acrescenta Giussani: Cristo continua na história, em todos os tempos, dentro do mistério da Igreja. Aquele «Mestre, onde moras?» aconteceu para nós através da Igreja, uma companhia que nos alcançou e nos alcança hoje: a Igreja com os seus capilares. Por isso, o convite a imitar Cristo é dirigido a todos os homens, mas inicialmente a nós, batizados, como é indicado, de modo autêntico, pela Igreja.

A este ponto, chama-nos ao valor da autoridade, com palavras suas sobre as quais nos devemos deter neste momento. Leio uma passagem da p. 12: «Por isso, do ponto de vista institucional, a autoridade [tinha acabado de mencionar a autoridade do Papa] é a forma contingente que a presença de Jesus

ressuscitado utiliza como expressão operante da sua amizade com o homem, comigo, contigo, com cada um de nós. Este é o aspeto mais impressionante do mistério da Igreja, o aspeto que mais afeta o amor próprio do homem, a própria razão do homem» que queria dominar todo o universo. O Senhor serve-se do pescador da Galileia para ser o ponto de referência da unidade e do juízo.

Se, então, a moral para o homem é imitar Cristo, o comportamento de Cristo, *don Giussani* coloca-se, a este ponto (p. 14), a questão que irá desenvolver em toda a lição: qual é o comportamento de Cristo para com Deus, para com a sociedade e para com a história?

Referirei então estes quatro pontos, de forma sintética, para nos ajudar na sua leitura.

1. O comportamento de Jesus para com Deus

Este primeiro ponto corresponde aos pontos 3 (Deus é Pai), 4 (O comportamento de Jesus para com o Pai) e 5 (A partir da amizade, a moralidade).

O traço fundamental da maneira de ser de Jesus é o reconhecimento de que Deus é Pai. Todo o Evangelho está cheio de passagens que nos falam desta consciência que Cristo tem do Mistério: «Jesus tem viva a consciência de como o Pai o invade totalmente, a consciência do “Deus que é tudo em tudo”» (p. 13).

Deste Mistério como Pai, Jesus sublinha (pp. 14-15):

- a) a potência criativa: o Criador
- b) a perfeição suprema
- c) o fator supremo: a misericórdia

Reparem no que significam para nós, chamados a imitar Jesus, estas três atitudes de Jesus:

- a) Imitar Jesus no reconhecimento do Pai como Criador quer dizer viver a religiosidade em cada gesto. É a oferta: o valor da relação entre mim e qualquer realidade na vida é Cristo.
- b) Ser perfeito como o Pai, no homem, só acontece como graça. O fio da moralidade é, portanto, o pedido sincero desta graça: por isso, na moral, a prevalência é a do pedido e da mendicância, e não do sucesso do propósito (p. 15).
- c) Por fim, Jesus veio revelar completamente que a relação que o Mistério tem com a sua criatura é amor e, portanto, *misericórdia* (p. 15). Diz Giussani: «A misericórdia [...] indica a posição do Mistério em relação a qualquer fraqueza [somos frágeis e Ele alcança-nos através da Sua misericórdia], erro e esquecimento humano: Deus, diante de qualquer crime do homem, ama-o» (pp. 15-16).

Diante disto, qual é então o vértice da nossa moralidade? O reconhecimento e a aceitação desta misericórdia. «A única forma de se mendigar a Deus Pai é como abandono a uma misericórdia» (p. 16).

A este ponto, introduz a palavra «amizade». A amizade, uma palavra que se encontra também na proposta de modificação do Estatuto dos *Memores*, é um ponto fundamental em toda a nossa vida.

O valor supremo da amizade era um tema caro a *don Giussani* naqueles anos. É por isso que «Tu ou da amizade» se tornou o tema dos Exercícios de 1997, um tema – além disso – retomado no título de um livro de *don Giussani* que saiu poucos meses depois.

O comportamento de Jesus para com o Pai, que é reconhecimento e aceitação do Mistério como Misericórdia, representa «a realização suprema da amizade» (p. 16).

A relação de Jesus com o Pai é amizade. A amizade implica a reciprocidade: a iniciativa é de Deus, mas o Filho responde ao Pai. «Jesus, como homem, reconhece e aceita ser Ele a misericórdia do Pai. Assim, Ele aceita morrer: “Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem”. Assim como para o homem Jesus a obediência ao Pai representa a fonte e o vértice da virtude, também para o homem a moralidade nasce [como amizade] como simpatia prevalecente, irresistível, por uma pessoa presente: por Jesus [Como é possível não nos determos nestas palavras?]. Para além de tudo – atração, dor e pecado – o apego a Jesus prevalece. A moralidade do homem nasce então como amizade com Deus como Mistério e, portanto, com Jesus, através do qual e no qual o Mistério se desvela, se revela, se comunica. Amizade verdadeira é qualquer relação em que a necessidade do outro é partilhada no seu significado último, ou seja, naquele destino que desperta toda a necessidade e que constitui o termo

da sede e da fome do homem. Para o homem, aceitar o amor que se exprime na vontade de Deus, do Mistério que fazendo-se homem em Jesus aceita a morte, a sua morte por todos os filhos, é a origem da moralidade [porque Ele quis-nos bem até ao fim, e este é o ponto de partida da nossa moralidade], que nasce, com efeito, como amizade com Deus. [...] Ele aceita este Mistério que se comunica a Ele [...] para cada homem, a moralidade nasce como amizade com Ele, com Deus em Jesus» (p. 16). Que beleza! Temos mesmo vontade de continuar a ler, por isso detenhamo-nos sobre estas páginas, sobre estas palavras.

Diz ainda Giussani: «A moralidade nasce como amizade com Deus como Mistério e, portanto, com Jesus. A relação do homem com Deus como Mistério e, portanto, com Jesus tem início e cumpre-se, em toda a sua grandeza, simplicidade, verdade e segurança, no *sim* de São Pedro a Jesus, que lhe perguntava: “Simão, tu amas-me?”. [...] Por isso a moralidade, para o cristão, é *adesão amorosa*» (p. 16).

Qualquer relação de amizade, portanto, é precisamente um dom que recebemos, é um dom a que respondemos. É como o encontro com o movimento: recebemo-lo como dom e respondemos com o nosso «sim». «Simão, amas-me?», «Tu sabes que eu te amo».

Por dom, com o tempo, em cada relação, a necessidade do outro é partilhada no seu significado último, quer dizer, naquele destino que desperta toda a necessidade e que constitui o termo da sede e da fome do homem (p. 16).

Na Assembleia que se segue à lição há uma página sobre a amizade que é bonita demais para não a retermos juntos (p. 27):

«A coisa mais sublime de uma atitude moral como a que Cristo nos ensina é que cada ação, como relação com Deus, com Jesus, com a humanidade do indivíduo e da sociedade, é amizade. Cada relação humana, com efeito, ou é amizade, ou falta-lhe alguma coisa, é deficiente, mentirosa. [...] Cada relação é amizade na medida em que é um dom, representa ou tem a possibilidade de ser um dom, que nos chega de Deus, ou de Cristo, ou da Igreja, ou da história do homem: a amizade é um dom que nós hospedamos [...], aceitamos. E aceitar e hospedar este dom torna recíproco o amor que quem deu possui, demonstra: aceitá-lo é o amor que demonstramos nós a quem nos deu o dom. Neste sentido, a amizade é uma reciprocidade de dom, de amor, porque para um ser criado, como o homem, a forma suprema do amor a Deus é aceitar ser feito por ele, aceitar o ser que não é próprio: é dado». Percebem a diferença entre o panteísmo e o cristianismo?

2. O comportamento de Jesus para com o homem

Estamos no ponto 6: Luz, força e ajuda para o homem (p. 16).

Aqui *don* Giussani sintetiza o comportamento de Jesus para com o homem, a forma como partilha a nossa vida, com três palavras: luz, força e ajuda.

a) Jesus é fonte de **luz**, ou seja, de clareza e verdade (p. 16).

Os valores com os quais ajuizar são aqueles que nos vêm de Jesus enquanto Presença agora: da comunidade de Igreja a que se pertence, que é o aspeto visível do Seu rosto.

«Ouvir a voz da autoridade, portanto do Papa e dos documentos oficiais da Igreja, é um antídoto para a embriaguez dos *slogans* dos meios de comunicação social» (p. 17).

b) Jesus é fonte de **força**: «Sem mim, nada podeis fazer». E aqui volta o tema da mendicância: somos mendicantes, e a forma da mendicância iluminada por Cristo são os sacramentos, forma suprema de oração.

c) Jesus é fonte de **ajuda**: «Eu estou no meio de vós como aquele que serve»; e assim, para nós, as relações com os outros em Jesus são partilha. A alma secreta de qualquer relação de amizade é desejar o destino do outro, aceitar que o outro queira o meu destino. A amizade, cristãmente, é amizade fraterna, é a amizade mais familiar.

3. O comportamento de Jesus para com a sociedade

Corresponde à primeira parte do ponto 7: Dentro da história do mundo: ecumenismo e paz (da p. 18 à p. 20).

São muito sugestivas as passagens do comportamento de Jesus para com a pátria, para com o poder político, para com a história, um comportamento que tem como objetivo final a geração de um povo através da vida da comunidade. Deste modo, realiza-se o ecumenismo e a construção da paz. *Don Giussani* não se detém, por assim dizer, no “privado”, nas relações com o outro. Coloca-nos diante do comportamento de Jesus para com a sociedade, até ao nível das instituições: até ao ponto de nos falar de pátria e de poder político, de construção de um povo, de construção da paz.

Que valor assume esta integralidade no contexto histórico que estamos a viver!

a) Em primeiro lugar, portanto, o amor à pátria, ao povo naquela pátria. Pensemos em quando Jesus, no esplendor dourado do templo iluminado pelo sol que se punha, soluçou diante do destino da sua cidade, aquela cidade que o iria matar algumas semanas depois. Diz *don Giussani*: «Uma piedade como a de uma mãe que se agarra ao filho para não o deixar ir ao encontro do perigo mortal para que se dirija». É por isso que, à imitação de Cristo, o amor à pátria «é uma implicação profunda da *pietas* cristã. Mas é-o na medida em que a pátria existe em função do bem-estar terreno e do bem eterno de toda a humanidade» (p. 19).

b) Em segundo lugar, a atitude de Jesus para com o poder político. Este não é desprezado, mas «é só em função de um universo, em função de todos no mundo, que adquire a sua possível positividade terrena» (p. 19).

Não é uma luz sobre este tempo?

4. O comportamento de Jesus para com a história

Este ponto é explicitado na segunda parte do ponto 7, que começa na página 20.

No texto há uma passagem fantástica: «Tal como para Jesus o sentido da história era o cumprimento da vontade do Pai [...] para o homem o sentido da história é [...] a glória humana de Cristo; imitar Jesus é, portanto, viver o objetivo de cada ação [...] [para] a glória humana de Cristo» (p. 20).

É muito simples. Por isso continuo a falar dos meus encontros com os Noviços que fizeram a profissão, da nossa amiga que vai à cabeleireira e esta fica impressionada, e se fica impressionada («Querida ser como tu!»), esta é a glória humana de Cristo que se manifesta. Imitar Jesus, seguir o Senhor, permanecer em relação com Ele, vence diante de qualquer tentativa do poder.

A isto chama-se testemunho (p. 20). Testemunho «é o fenómeno pelo qual os homens reconhecem – por uma graça potente [...] – de que é feita a realidade, os homens e as coisas: é feita de Cristo, e gritam-no a todos, demonstram-no com a própria existência, com a modalidade transformada da sua existência» (p. 46).

A nossa vida “merece”, ou seja, proporciona-se ao eterno, na medida em que vive esta memória de Cristo. E é esta memória que educa o ineludível empenho do cristão em servir a comunidade humana na cultura, na economia, na política (p. 20-21).

O resultado desta obra são o ecumenismo e a paz (fomos testemunhas do florescer deste milagre tantas e tantas vezes nas nossas obras, na nossa história; quanto parecem ser necessárias nesta nossa sociedade dividida e tornada frágil pela pandemia e pela guerra!).

Ecumenismo e paz: o princípio de qualquer relação é a verificação de uma amizade, na qual a história humana encontra a melhor ajuda (p. 21).

A amizade cristã é partícipe da geração de um povo. *Don Giussani* descreve-o assim: «É o acontecer de uma conceção da vida, de um sentimento da realidade, de uma honestidade diante das circunstâncias, de uma resposta intensa diante de uma provocação, a partir de uma visão e de uma percepção do próprio destino de verdade e de felicidade» (p. 21). Este é o nosso maior contributo para a história.

A violência do poder tentará sempre destruir este povo, devemos ter isso em conta.

Don Giussani conclui esta passagem afirmando que «o Mistério como misericórdia permanece a última palavra sobre todas as horrendas possibilidades da história» (p. 22).

CRISTO VIDA DA VIDA

A parte conclusiva do texto de hoje é aquela em que *don* Giussani, que tinha acompanhado os Exercícios nos bastidores, toma diretamente a palavra e responde “ao vivo” às perguntas, feitas em direto. São páginas extraordinárias, que nos permitem retomar de forma sintética e deitar nova luz sobre os conteúdos das lições ouvidas no dia anteriore. Confio-vos a leitura atenta destas páginas.

Ouso apenas formular-vos uma proposta. Entre as respostas, há uma que é como que uma grande oração que *don* Giussani faz (está na página 28). *Don* Giussani revela, como num momento de extraordinária confiança, o que é, quem é Cristo para a sua vida. Pois bem, nas próximas semanas vamos repetir estas palavras: vamos repeti-las muitas vezes, possivelmente todos os dias. Inicialmente teremos dificuldade, poderemos experimentar como que um titubear, uma certa sensação de artificialidade. Mas, lentamente, estas palavras irão abrir caminho em nós, irão tornar-se mais sinceras, mais verdadeiras. Porque são verdadeiras e são nossas: são verdadeiras par ti, como o são para *don* Giussani. Vou então relê-las, como o primeiro anel duma longa corrente:

«Concluo este sublinhar [que culmina com as palavras sobre a misericórdia do Pai em relação a nós e, portanto, sobre a origem do nosso papel na história] das minhas preocupações, dizendo [este excerto, na minha opinião, é próprio dum pai da Igreja!]: Cristo, este é o nome que indica e define uma realidade que encontrei na minha vida. Encontrei: ouvi falar dela, primeiro desde pequeno, desde rapaz, etc.. Podemos crescer e esta palavra é sabida, mas para muita gente não é encontrado, não é realmente experimentado como presente; ao passo que Cristo embateu na minha vida, a minha vida embateu em Cristo precisamente para que eu aprendesse a perceber como Ele é o ponto nevrálgico de tudo, de toda a minha vida. *É a vida da minha vida, Cristo*. N’Ele se realiza tudo aquilo que eu queria, tudo aquilo que eu procuro, tudo aquilo que eu sacrifico, tudo aquilo que em mim se move por amor das pessoas com as quais me colocou. [...] Cristo, vida da vida, certeza do destino bom e companhia para a vida quotidiana, companhia familiar e transformadora em bem: é isto que representa a eficácia d’Ele na minha vida» (p. 29).

Obrigado pela atenção. Nunca deixaremos de agradecer por este dom que aconteceu na nossa vida: «Cristo tudo em todos».

Prosperi

Obrigado, padre Filippo, porque fizeste um trabalho notável. Julgo que também nós teremos bastante trabalho a fazer.

Escola de Comunidade. Até aos Exercícios da Fraternidade trabalharemos sobre a parte de *Dar a vida pela obra de Outro* apresentada esta noite: «Cristo tudo em todos» (pp. 11-30). No momento dos Exercícios comunicaremos os conteúdos e modalidades com que prosseguirá o trabalho de Escola de Comunidade a partir de maio.

Por fim, vamos ver juntos o Vídeo do Manifesto da Páscoa, disponível no site e nas redes sociais de CL.

[projeção do vídeo]

As frases do Manifesto são do Papa Francisco e de *don* Giussani:

«A sua ressurreição não é algo do passado; contém uma força de vida que penetrou o mundo. Onde parecia que tudo morreu, voltam a aparecer por todo o lado os rebentos da ressurreição. É uma força sem igual. É verdade que muitas vezes parece que Deus não existe: vemos injustiças, maldades, indiferenças e crueldades que não cedem. Mas também é certo que, no meio da obscuridade, sempre começa a desabrochar algo de novo que, mais cedo ou mais tarde, produz fruto. Num campo arrasado, volta a aparecer a vida, tenaz e invencível» (Papa Francisco).

«*É a vida da minha vida, Cristo*. N’Ele se realiza tudo aquilo que eu queria, tudo aquilo que eu procuro, tudo aquilo que eu sacrifico, tudo aquilo que em mim se move por amor das pessoas com as quais me colocou. Cristo é um homem que viveu há dois mil anos como todos os outros, mas que,

ressuscitado da morte, invadido pela força do Mistério n'Ele, de cuja natureza participava, investenos dia após dia, hora após hora, ação após ação» (Luigi Giussani).

Para concluir, agradeço em meu nome e de todos a monsenhor Santoro pela ajuda que nos deu e desejo-lhe a ele e a todos um bom caminho, na espera da Santa Páscoa.
Cumprimento todos, os presentes e os que estão ligados.

Vinde Espírito Santo